

O DISCURSO DO OUTRO NA REPORTAGEM DE ELIANE BRUM

Miriam Bauab PUZZO

Universidade de Taubaté - unitau

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir os recursos de linguagem ativados pela repórter Eliane Brum. Pelo seu estilo peculiar, na contramão do jornalismo informativo, explora, além de imagens e figuras de linguagem, o discurso citado por meio do discurso direto, indireto e suas variantes como o indireto livre. Para discutir essa questão, a teoria dialógica de Bakhtin e do Círculo sobre a voz de outrem como citação, incorporada ao discurso do narrador, serve de fundamentação para análise do estilo de Brum e dos efeitos de sentido que produzem para sensibilizar o leitor. Para demonstrar seu estilo, foi selecionada a reportagem “Os vampiros da realidade só matam pobres” que integra a coletânea organizada pela ONG Médicos sem fronteira, intitulada *Dignidade!* (2012). Os recursos sintáticos que se apresentam na incorporação das vozes reportadas possibilitam um novo enfoque na constituição de efeitos de sentido nas narrativas jornalísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem. Estilo. Discurso de outrem. Teoria dialógica.

THE SPEECH OF THE OTHER IN ELIANE BRUM’S REPORT

Abstract: : The purpose of this article is to discuss the language features activated by Eliane Brum. Through her peculiar style, contrary to objective journalism, she explores the use of images, figures of speech and the discourse quoted through direct, indirect and indirect free discourse. To discuss this issue, Bakhtin's and the Circle's dialogical theory about the voice of the others as a citation, incorporated into the narrator's discourse, serves as a basis for analyzing Brum's style and the sense effects they produce to affect the reader. To demonstrate her style, the report "The vampires of reality only kill the poor" was selected, which is part of the collection organized by the Médicos sem fronteira, entitled *Dignity!* (2012). The syntactic and figurative resource allow a new approach to observe the sense effects of these resources used in journalistic narratives.

KEYWORDS: Report. Style. Discourse of the other. Dialogic theory.

EL DISCURSO DEL OTRO EN EL REPORTAJE DE ELIANE BRUM

Resumen: El propósito de este artículo es discutir las características del lenguaje propias de la reportera Eliane Brum. Por su peculiar estilo, contrario al periodismo informativo, explora, además de imágenes y figuras del lenguaje, el discurso citado a través del discurso directo e indirecto y sus variantes como libre indirecto. Para discutir este tema, la teoría dialógica de

Bakhtin y el Círculo de la voz de otra persona como una cita, incorporada en el discurso del narrador, sirve de base para analizar el estilo de Brum y los efectos del significado que produce para sensibilizar al lector. Para demostrar su estilo, se seleccionó el reportaje “los vampiros de la realidad solo matan a los pobres”, que forma parte de la colección organizada por la ONG Médicos Sin fronteras, titulada Dignidad! (2012). Los recursos sintácticos presentados en la incorporación de las voces informadas permiten un nuevo enfoque en la constitución de los efectos de significado en las narrativas periodísticas.

Palabras-clave: Reportaje. Estilo. Discurso del otro. Teoría dialógica.

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação procuram apresentar os fatos diários como informação ao leitor sobre a realidade que o circunda. Seguem mais ou menos o modelo instituído de distanciamento para objetivar as cenas do cotidiano social. Tal recurso, apesar de procurar informar, acaba distanciando o leitor dos fatos relatados de modo a torná-los objetos de consumo. Assim, os jornais diários apresentam as notícias de forma aparentemente isenta, mas com objetivo mercadológico. Para fugir desse processo, alguns jornalistas procuram mostrar uma realidade diferente daquela apresentada normalmente na mídia. É o caso da jornalista Eliane Brum, cujas reportagens “em forma de crônica ou vice-versa” (KOTSCHO, 2006, p. 180-181) colocam em evidência uma realidade social pouco discutida e de pouca visibilidade. Os seres reportados geralmente integram um contexto marginal, de pouco interesse para a mídia informativa. Na contramão dessa proposta jornalística, Brum posiciona-se diante desses seres e os retrata de modo mais próximo e mais humano, deixando entrever os conflitos e os problemas sociais que enfrentam. Numa linguagem transgressora, por abandonar de certo modo a rigidez normativa instituída, a autora relata histórias de vida de pessoas humildes. O estilo e o método de pesquisa de Brum consistem em “ouvir de perto, ao vivo, de preferência com os pés envolvidos ‘na lama dos acontecimentos’”, na contramão da “tecnoburocracia predominante” na investigação jornalística, segundo pontua Caco Barcellos (2009, p. 11).

Dentre as muitas reportagens que publicou, como as da coletânea *A vida que ninguém vê* (2006), *O olho da rua* (2009), *A menina quebrada* (2014), destaca-se a reportagem “Os vampiros da realidade só matam pobres” que integra a coletânea organizada pela ONG Médicos sem fronteira, intitulada *Dignidade!* (2012). Nesse relato apresenta uma comunidade afetada pela doença de chagas, com o enfoque de uma repórter compromissada em evidenciar o drama vivido pelos seres reportados. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar os recursos de linguagem ativados pela repórter a fim de demonstrar uma realidade social pouco visível e pouco

noticiada nos meios de comunicação. Em seu relato ecoam as vozes dessas personagens reais integradas ao seu discurso.

Para discutir essa questão, a teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e do Círculo sobre a voz de outrem como citação serve de fundamentação para análise do estilo de Brum e dos efeitos de sentido que produzem. Com esse recurso e com um estilo diferenciado, sensibiliza o leitor diante de uma situação trágica como a dos habitantes dessa comunidade atendida pela Médicos sem Fronteira. Discutir a questão do estilo diz respeito a problemas sintáticos e figurativos (BAKHTIN, 2015), possibilitando um novo enfoque no que diz respeito às formas de representação do discurso citado.

O artigo se organiza em etapas. A princípio apresenta-se o jornalismo literário como recurso para humanizar os fatos e os seres reais que são o foco das reportagens, abrindo espaço para os repórteres atuais desenvolverem um estilo próprio, com uma breve notícia sobre Eliane Brum e sua atuação como jornalista. A seguir discute-se a teoria bakhtiniana de estilo e de recursos expressivos, especialmente a incorporação de vozes nas mais diversas formas no discurso narrativo. E, por fim, enfrenta-se o texto apresentando os recursos empregados na incorporação das vozes que ecoam na reportagem em sintonia com o discurso da repórter, entre eles o discurso direto, indireto e indireto livre em suas variantes, como pontuam Volóchinov ([1929] 2017) e Bakhtin ([1975] 2015). Finalmente apresenta-se o comentário final como resultado da análise.

1. O JORNALISMO LITERÁRIO E AS REPORTAGENS DE BRUM

Embora o jornalismo literário seja negado como estilo por Eliane Brum, de certo modo ele modificou a forma de elaborar reportagens, como demonstram Truman Capote, com a grande reportagem *A sangue frio* (1966); Gay Talese com *Fama e anonimato* (1970), entre outros. No Brasil, destaca-se Joel Silveira com a coletânea *A milésima segunda noite da Avenida Paulista* (2003). Essa nova forma de relatar os fatos possibilitou maior flexibilidade nas reportagens jornalísticas, colocando em evidência a expressividade autoral de modo a criar maior aproximação entre os fatos narrados e o leitor. Como explicita a autora ao destacar seu interesse pela vida de pessoas simples: “Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico.” (BRUM, 2006, p.187).

Sem seguir a vertente americana, Eliane Brum apresenta um estilo próprio de fazer reportagens. Como afirma Caco Barcelos no prefácio de *O olho da rua* (BRUM, 2009, p. 10): “reportagem, para Eliane, é um ato de entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem.” Como a própria repórter afirma: “Todo o meu olhar sobre o mundo é mediado por um amor desmedido pelo infinito absurdo da realidade.” (BRUM, 2009, p.13). É com essa visão de repórter que Brum inaugura uma coluna no jornal *Zero hora* de Porto Alegre, com reportagens breves, em forma de crônica, que lhe renderam o prêmio Esso regional de jornalismo em 1999. Empregando uma linguagem mais expressiva, coloca em evidência seres anônimos da sociedade marginalizada de Porto Alegre, que posteriormente resultaram na coletânea *A vida que ninguém vê* (2006). Foi agraciada com vários outros prêmios e colabora em vários jornais nacionais e internacionais como *El País*, onde publica reportagens mais profundas sobre temas político-sociais. O estilo de Brum na contramão da frieza informativa deixa entrever seu posicionamento crítico e ético diante da realidade vivida e relatada, tornando-se por isso uma representante do jornalismo ativo, expondo os conflitos e as contradições observadas no contexto social. Suas reportagens suscitam múltiplas formas de investigação em função do olhar diferenciado da repórter¹.

A reportagem selecionada “Os vampiros da realidade só matam os pobres” (2012), selecionada como objeto de discussão, é um desses exemplares que deixam entrever uma realidade pouco conhecida e afastada da mídia. Sua reportagem elaborada num estilo peculiar merece análise pelo tratamento dado na incorporação das vozes de suas fontes como um dos recursos expressivos na linguagem escrita.

2. TEORIA DIALÓGICA E ESTILO

A teoria discursiva gestada por Bakhtin e pelo Círculo do início do século XX amplia o campo investigativo a respeito da linguagem como comunicação, resultante das relações sociais entre os seres humanos, do posicionamento situado dos autores e de suas respostas na dinâmica da cultura.

1 Cf. PUZZO(2013; 2018).

Em seu ensaio *Que é a linguagem?* que consta da coletânea *A construção do enunciado e outros ensaios* ([1930] 2013, p.131-156), Volóchinov demonstra como a linguagem humana evoluiu com o desenvolvimento dos grupos sociais, expressando valores culturais próprios de cada época e de cada comunidade. Desse modo, associa a expressão humana ao contexto de cada comunidade manifestando seus valores, sua visão de mundo. Nessa perspectiva, os signos, sejam eles verbais ou visuais, modificam-se em função do contexto em que circulam. Ou seja, o significado vem preenche dos valores que os constituem, ganhando sempre novas possibilidades de sentido.

Em sua concepção de linguagem, o Círculo propõe o conceito de diálogo constitutivo intrínseco a ela. Apesar de partir do diálogo oral, forma inicial da comunicação, entendem que o processo dialógico é muito mais complexo afetando de modo definitivo toda manifestação comunicativa do ser humano. Sendo assim, exterior e interior entram em interação na constituição de enunciados dos mais variados gêneros. Dessa relação, conflitante e tensa, se constitui a linguagem em sua realidade viva. Portanto o contexto de produção e de recepção é fundamental na constituição dos enunciados concretos. Eles são respostas aos que os antecederam, constituindo um elo contínuo na cadeia comunicativa (BAKHTIN, 2016). Nessa perspectiva, os enunciados concretos expressam vozes do passado no presente, dando-lhes novas possibilidades de sentido.

Na oralidade, até as simples conversas do dia a dia são plenas de transmissão e interpretação de palavras alheias. Referindo-se à comunicação cotidiana, Bakhtin pontua,

A todo instante encontramos nela uma “citação” ou “referência” àquilo que foi dito por certa pessoa. Ao “dizem” ou “todos dizem”, a palavra do meu interlocutor, às minhas próprias palavras que pronunciei antes, a um jornal, a uma deliberação, a um documento, a um livro, etc. (BAKHTIN, 2015, p.131)

Para ele, tal processo torna-se mais complexo na reprodução da palavra alheia no discurso escrito, principalmente na narrativa. Considerando ainda a característica da relação intrínseca entre sujeito e contexto social constitutiva da linguagem, o discurso do outro influencia de fora para dentro o enunciado, assim como estabelece uma relação com a proposta comunicativa do enunciador (Volóchinov, 2017). Sendo assim, são possíveis formas variadas de inter-relação com a palavra do outro e variados graus de sua influência deformante. Como afirma

Volóchinov (2017, p.249), “O discurso alheio é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado.”

Dessa forma, o enunciado citado quando integrado ao discurso narrativo como unidade estrutural passa a constituir ao mesmo tempo um tema do discurso narrativo, tornando-se o tema de um tema. Nessa perspectiva, o discurso citado representa para o enunciador o enunciado de uma outra pessoa, independente na origem, dotado de construção completa e situado fora do contexto narrativo.

Sendo assim, o estudo do diálogo pressupõe uma investigação mais profunda das formas usadas para incorporar o discurso de outrem nos enunciados concretos. Tais formas refletem tendências básicas da recepção ativa desse discurso citado e essa recepção é fundamental também para o diálogo. As formas de transmissão desse processo são reguladas pela sociedade que as gramaticaliza, mas somente no que tange aos elementos da apreensão ativa, apreciativa do enunciado de outrem, eles se tornam pertinentes e constantes e fazem parte de um modelo fundamentado na existência econômica de uma comunidade linguística.

O processo de inserção da fala do outro no discurso narrativo é diferente do diálogo oral em que há uma reação ativa às palavras de outrem. Quando o diálogo oral é reproduzido em sua forma ativa, temos o discurso direto. A simples caracterização do discurso direto, indireto e indireto livre são apenas formas padronizadas de citar o discurso de outrem.

De acordo com os teóricos russos, o autor imprime seu tom avaliativo ao interagir com o discurso alheio, reagindo a ele de modo a demonstrar seu posicionamento autoral. Assim, segundo essa perspectiva, há variantes que têm uma tendência inerente a transferir o enunciado citado que se desloca do domínio da construção linguística ao plano temático de conteúdo (VOLÓCHINOV, 2017). Mas a diluição total no discurso do outro não se concretiza completamente, estabelecendo uma relação interativa entre um enunciado e outro: o enunciado citado e o enunciado que o acolhe, não só no plano temático, mas nas construções estáveis da própria língua.

A língua não existe por si só, mas combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua

entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real. As condições da comunicação discursiva, as suas formas e os meios de diferenciação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época. (2017, p.262)

Ao apreender o enunciado de outrem, o sujeito, por também estar pleno de palavras interiores, assimila e traduz esse discurso com suas próprias palavras ou ainda que conserve as palavras de outrem, estas reagem em relação ao discurso em que se encontram, mudando seu enfoque. Dessa forma, “Entre o discurso alheio e o contexto de sua transmissão existem relações complexas, tensas e dinâmicas, sem as quais é impossível compreender a forma de transmissão do discurso alheio.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.254).

Ao discutir essa questão das relações tensas que se entretecem na narrativa, os pesquisadores demonstram que a inserção das diferentes vozes na narrativa cria efeitos de sentido decorrentes de uma relação complexa e ativa entre a voz do narrador e a de seus personagens.

3. VARIANTES DO DISCURSO CITADO NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN E DO CÍRCULO

As reflexões de Bakhtin e de Volóchinov a respeito da inserção do discurso do outro nas narrativas literárias iluminam aspectos pouco observados tanto na interpretação desse recurso quanto em sua aplicação.

Bakhtin trata dessa questão de modo mais complexo quando discute a questão estilística no romance, publicado pela primeira vez no Brasil, em tradução de Aurora Bernadini em *Questões de literatura e de estética: uma teoria do romance* (1990), cuja tradução recente de Paulo Bezerra faz parte de um projeto de tradução de uma série de três ensaios da obra completa de Bakhtin, organizada por Botcharov e Kójinov. O primeiro dessa série *Teoria do romance I: a estilística* (2015) trata da inserção do discurso do outro em obras de ficção. Nela Bakhtin discute, a princípio, a questão do diálogo oralmente formulado e das relações ativas do enunciador com seu objeto e com o outro a que se destina. O discurso apresenta-se nessa relação dialógica pleno de avaliações e posicionamentos axiológicos tanto do enunciador quanto de seu interlocutor, para a seguir discutir a forma de sua representação numa obra ficcional. Em suas palavras:

O discurso, ao abrir caminho para o seu sentido e a sua expressão através de um meio verbalizado pelas diferentes dicções do outro, entrando em assonância e dissonância com os seus diferentes elementos pode enformar sua feição e o seu tom estilístico nesse processo dialogado. (BAKHTIN, 2015, p.50)

Tal representação na linguagem escrita relaciona-se com a questão do estilo pelo qual o autor imprime seu tom ao todo enunciativo, inclusive dialogando de modo diverso com as vozes que inclui em sua narrativa. Bakhtin concebe essa multiplicidade de vozes de instâncias sociais diversas como o heterodiscurso característico do romance. Assim as vozes sociais podem ser incorporadas pelo autor para expressão de seus temas sofrendo sua refração na linguagem autoral, manifestando suas intenções e avaliações. Desse modo, segundo essa perspectiva, o contexto em que se insere o discurso do outro é fundamental como molduragem para criação de efeitos diversos, atuando sobre os sentidos possíveis que expressam. Como esse teórico afirma, ao ser inserida no discurso narrativo, “a palavra do outro não entra em contato mecânico com o discurso que a moldura, mas numa unificação química (no plano semântico e expressivo)” (BAKHTIN, 2015, p.133), o que possibilita a relação dialógica entre a voz do narrador e a voz do outro, que pode apresentar inúmeras reações desde a simples concordância até a oposição de pontos de vista e de valores sociais. Por isso, a simples classificação do discurso direto e indireto não permite a exploração desses efeitos estilísticos que apresentam tons variáveis.

Assim como Bakhtin, Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017) dedica o capítulo, intitulado “Exposição do problema do ‘discurso alheio’”(p.249-290), a essa discussão, demonstrando a dinâmica que se estabelece entre o discurso narrativo do autor e as vozes que são incorporadas na tessitura discursiva. Portanto, apresenta uma gama de variações em função do caráter valorativo do autor em sua relação com a proposta que apresenta. Sob essa incorporação, o linguista considera que, para entender plenamente o conteúdo dessas vozes incorporadas na narrativa, é preciso “introduzi-las na construção do discurso”(p.249). Assim, para incorporar outro enunciado em sua composição, o autor recorre a recursos sintáticos e estilísticos, assimilando-o parcialmente, para sua inclusão na unidade sintática de seu enunciado, sem que o discurso integrado perca totalmente sua identidade. Existe, portanto um embate entre as vozes incorporadas no enunciado e a voz autoral que as incorpora num determinado contexto narrativo. Elas são emolduradas de acordo com esse contexto, adquirindo efeitos de sentido em função do modo como o autor as inclui na narrativa. Ainda que o autor mantenha as

mesmas palavras empregadas no discurso citado, ao integrá-las ao seu discurso, elas sofrem a interferência do discurso autoral, ecoando outras entonações e outros efeitos de sentido.

Antes de discutir as particularidades de cada forma de inclusão de citações e seus efeitos no discurso, Volóchinov distingue as diferentes possibilidades da citação de palavras alheias em diferentes constituições sociais. Em sua perspectiva, nas sociedades mais autoritárias existe maior rigidez nessa transmissão, impedindo a inter-relação discursiva entre o discurso do enunciador e o discurso citado, enquanto em contextos mais livres essa inter-relação se processa de formas variadas. A essa primeira característica do discurso citado, Volóchinov denomina “estilo linear” em contraposição ao “estilo pictórico”, mais livre e mais permeável à infiltração avaliativa do autor.

Nessa segunda tendência, o discurso do outro sofre a interferência avaliativa autoral na incorporação dessas vozes, apagando suas fronteiras. Por isso, o estilo pictórico apresenta uma variedade maior em função do contexto, da proposta do autor em sua forma avaliativa do discurso alheio. Também existe nessa variedade a transferência da dominante do discurso autoral para o discurso alheio, tornando enfraquecido o contexto autoral que lhe serve de moldura. Nessa variedade o narrador pode perder a força de sua voz que se mistura com a de seus personagens, como é o caso da narrativa *Os Irmãos Karamazov* de Dostoiévski. A riqueza de possibilidades que essa segunda tendência apresenta é própria do discurso literário. Segundo Volóchinov, para compreender “todas essas tendências da percepção ativa e reativa do discurso alheio”, além de considerar todas as variedades, é preciso entender o objetivo autoral em função de seu contexto.

Dentre as diversas formas de incorporação do discurso alheio na narrativa, Volóchinov apresenta um leque de variáveis de natureza estilística: discurso direto, discurso direto preparado, discurso direto objetificado, discurso direto antecipado, discurso indireto analítico objetual, discurso indireto analítico verbal e discurso indireto livre.

Tal procedimento, embora discutido no plano literário por Bakhtin (2015) e Volóchinov (2017), também ocorre em outros gêneros em que as vozes sociais são inseridas no enunciado, como ocorre com as reportagens em que os recursos da linguagem literária são aproveitados para dar maior expressividade aos relatos e às personagens reportadas. Segundo Volóchinov, além dessa peculiaridade interna do enunciado, na narrativa, a sua transmissão dirige-se a um

terceiro cuja orientação “acentua a influência das forças sociais organizadas sobre a percepção do discurso.” (2017, p. 252).

Nessa perspectiva teórica, os autores apontam duas importantes possibilidades de incorporação do discurso citado. A primeira, o estilo linear, apresenta limites claros e bem delimitados entre o citado e a forma enunciativa do sujeito narrador. A segunda, o estilo pictórico, vai em direção oposta, pois ao incorporar o citado, o autor infiltra suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. Desse modo, o contexto narrativo desfaz a estrutura compacta do discurso citado, apagando suas fronteiras (VOLÓCHINOV, 2017).

A segunda orientação apresenta variedade de tipos. O narrador pode, por exemplo, apagar as fronteiras do discurso citado, a fim de dar-lhe colorido subjetivo, através da entoação, expressando seu tom avaliativo.

Ainda nessa modalidade o discurso direto pode se apresentar de vários modos: disperso, preparado pelo discurso indireto, caracterizando-se como uma das formas do discurso pictórico. Também o discurso indireto apresenta variações: analítico-objetual, centrado no objeto, e o analítico-verbal, centrado na expressão.

Segundo Volóchinov, a modificação analítico-verbal: “introduz na construção indireta, palavras e modo de dizer do discurso alheio que caracterizam a fisionomia subjetiva e estilística do enunciado alheio enquanto expressão” (2017, p.273). Quando essas palavras aparecem entre aspas, causam o “estranhamento”, permitindo a percepção mais enfática do colorido desse discurso. Por outro lado, a voz do autor pode sobrepor-se a essas tonalidades, expressando sua ironia e seu humor. Nessa modalidade ainda há outro tipo que desloca a dominante do discurso para o discurso citado, ficando o discurso do narrador dissolvido pelo discurso citado que se torna mais forte e ativo. Nesse caso, o discurso narrativo começa a ser percebido como fala de “outra pessoa”, tornando-se a posição do narrador fluida, e em alguns casos assimilada à linguagem das personagens representadas na obra.

É no discurso indireto livre que essa infiltração se torna mais dramática, pois as fronteiras se apagam e a voz do narrador e a da personagem soam muitas vezes em uníssono.

Assim, o estilo pictórico é o mais rico e possui muitas variantes que podem ser demonstradas no discurso literário. Pela liberdade que o autor desfruta em relação à composição de sua narrativa e à sua proposta comunicativa, a literatura oferece exemplos de sutilezas na interiorização sócio-verbal pela incorporação das vozes de seus personagens. Segundo Volóchinov, a predominância de uma forma ou outra varia de acordo com o sistema que predomina na sociedade, isto porque o sistema de poder predominante de uma época cria formas de incorporação do discurso alheio. Para explicitar a força do poder instituído na representação escrita, aponta quatro modelos em função das relações de poder presentes numa determinada época: na Idade Média predomina o dogmatismo autoritário, caracterizado pelo estilo linear, impessoal e monumental de transmitir a fala de outrem. Nos séculos. XII e XVII, caracterizado pelo dogmatismo racionalista, predomina o estilo linear. Em fins do século. XVIII e início do XIX, marcado pelo individualismo realista e crítico, predomina o estilo pictórico, com tendência a infiltrar no discurso citado as réplicas e comentários do autor. Por fim, a época contemporânea, em que se manifesta o individualismo relativista, cuja peculiaridade é a diluição do contexto narrativo (2017, p.260). Nesse movimento intradiscursivo, o enunciado alheio é percebido por um ser humano que o relata, portanto, a palavra entra em contato com outra palavra e é desse modo que “no contexto do discurso interior ocorre a percepção do enunciado alheio, a sua compreensão e sua avaliação” (VOLÓCHINOV, 2017, p.254).

De acordo com o autor, o discurso literário potencializa tal variedade de modelos. Como a reportagem literária, assim como a narrativa literária, goza de certa liberdade estilística em consonância com o objetivo do autor e de sua relação com o leitor, é possível discutir os efeitos e o tom valorativo do repórter na composição de sua reportagem. Na narrativa selecionada, “Os vampiros da realidade só matam pobres”, objeto de análise deste artigo, a jornalista incorpora ao seu discurso as vozes das personagens retratadas, empregando várias estratégias, entre elas discurso direto e indireto em suas variantes, estabelecendo uma relação complexa e tensa ao infiltrar seu tom avaliativo no relato.

Como ela se inspira na narrativa expressiva, essa questão é relevante por sua inflexão subjetiva com o intuito de aproximar o leitor do contexto social retratado e das comunidades mais desamparadas.

Segundo Volóchinov (2017), o discurso indireto pode se apresentar de duas maneiras. Em primeiro lugar as relações entre o discurso citado e o discurso narrativo constituem indicadores da relação de força entre o discurso narrativo e o discurso citado em determinado momento de desenvolvimento da língua. Dessa forma, as variantes encontram-se na fronteira entre gramática e estilística.

Há duas formas de apreensão do enunciado de outrem. Ele pode ser registrado como uma tomada de posição com conteúdo semântico preciso por parte do autor e nesse caso apresenta de maneira analítica a forma exata de expressão do falante. Segundo o autor é o discurso indireto analisador do conteúdo.

A outra forma apresenta o enunciado de outrem apreendido enquanto expressão, caracterizando não só o objeto do discurso, mas ainda o próprio falante: sua maneira de falar (individual ou tipológica, ou ambas), seu estado de espírito é expresso não só no conteúdo, mas nas formas do discurso: fala entrecortada, ordem das palavras, entoação expressiva); peculiaridades da fala: gíria, construção em outro nível de linguagem: popular ou erudito. O discurso indireto neste caso é denominado analisador da expressão do falante.

Na expressão analisadora do conteúdo, há possibilidades de destacar réplicas e comentários no contexto narrativo, mantendo a distância entre discurso narrado e discurso citado. Ela permite o registro do discurso do outro de forma linear. Já a variante analisadora da expressão incorpora as expressões típicas do discurso alheio, caracterizadas por sua subjetividade e estilo. Elas se destacam facilmente do discurso narrado, por sua expressividade característica.

Em alguns casos aparecem entre aspas e se encaixam no discurso indireto, mas dele se destacam numa espécie de “colorido” de “estranhamento”, expressando o modo de ver do autor – sua ironia, seu humor. Esse modo é diferente daquele em que o discurso direto continua o indireto. Nesse caso o direto se segue ao indireto de modo contínuo enquanto no outro, o direto vem entremeadado, intercalado no discurso narrativo. Essas duas variantes exprimem modos divergentes no tratamento do discurso de outrem e da personalidade do falante. Representam também propostas comunicativas diferenciadas.

Como pontua o autor, no primeiro caso, a personalidade do falante só existe enquanto ocupa uma posição semântica específica, que é exposta de maneira objetiva. Dessa forma, a individualidade do falante fica diluída e não compõe uma imagem nítida

Já no segundo caso, o falante é apresentado por suas características específicas o que implica também um julgamento de valor por parte do autor. Pela sua expressão é possível compor uma imagem concreta (tipológica ou individualizada) (VOLÓCHINOV, 2017, 274)

Na terceira variante, denominada impressionista, o autor interpreta o discurso interior de suas personagens, expondo seus pensamentos e sentimentos. Esse discurso é apresentado de modo livre pelo autor que goza de liberdade para indicar apenas os temas e suas dominantes. Por meio de expressões interrogativas, exclamativas que seriam próprias das personagens, o autor mescla duas vozes, podendo mudar o tom do enunciado reportado. Com esse recurso expressa sua ironia, sua crítica, sua acentuação.

O discurso direto também apresenta uma gama de possibilidades que propiciam efeitos diferentes. Por exemplo, o discurso direto pode emergir do indireto que o prepara, de modo a dar a ele uma interpretação anunciada de modo indireto pelo autor.

Uma outra forma de representação é o esvaziamento do discurso direto pelo discurso narrativo que antecipa a caracterização objetiva do herói, encobrindo o discurso direto. De acordo com Volóchinov, o peso de suas palavras diminui, mas sua significação como caráter se reforça.

Já numa outra alternativa, toda narrativa pode ser posta entre aspas, cada termo, cada definição ou julgamento de valor pode estar representando a consciência de uma ou outra personagem, demonstrando “interferência de discursos”: o do autor-narrador e o da personagem.

Na reportagem em questão, Brum explora várias modalidades do discurso de outrem com o intuito de dar maior “colorido”, para usar uma expressão de Volóchinov, a suas personagens reais, criando efeitos diferenciados pelo olhar do narrador e pelo seu tom valorativo muitas vezes explícito em seus comentários. Por tratar-se de uma reportagem sobre

uma comunidade afetada pela doença de chagas, a proposta do relato é apresentar as condições vitais e os conflitos desses seres condenados pela doença e quase invisíveis no contexto social.

Esse tema bastante trágico é tratado numa linguagem cujo estilo se aproxima do literário, apresentando um modo ambíguo de reportar. Se de um lado a narrativa está fundamentada em dados concretos observados no cotidiano dessa comunidade, os relatos autênticos de suas fontes são estrategicamente integrados, alternando o distanciamento necessário quando apresenta os dados informativos, próprios da esfera jornalística, com uma aproximação sensível daqueles seres humanos.

O título “Os vampiros da realidade só matam pobres” expressa de modo indireto o tema de sua reportagem sugerindo uma realidade trágica, relacionada à concepção fantástica do leitor habituado a filmes de vampiro. Essa é a forma encontrada pela repórter para criar um diálogo com o possível leitor distante dessa realidade. Para compreender o estilo dessa reportagem, é preciso relembrar esse conceito na perspectiva dialógica da linguagem. Como entende Volóchinov (2013, p.97), o estilo não é o homem, mas “o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante ativo”. E é com esse outro pressuposto que Brum dialoga, um ser urbano afeito a uma outra realidade. Considera portanto as condições e o desconhecimento do leitor, procurando envolvê-lo no drama dessa comunidade. Assim, mescla informação com relatos pessoais de suas fontes, infiltrando seu tom avaliativo, por meio de comentários sutis, revelando seu modo de ver e sentir o drama desses seres que retrata, com os quais mantém um sentimento de impotência diante das condições precárias em que sobrevivem. Como desabafa: “Sonia adivinha que eu não tenho resposta quando meu olhar bate a esmo pelas paredes esburacadas de sua casa antes de ter a coragem de encará-la.” (2012, p.26).

Para cumprir sua proposta a autora emprega várias estratégias na inserção das vozes de seus entrevistados, o discurso direto e suas modalidades e o indireto em suas variantes que dão colorido ao relato e expressam seu posicionamento avaliativo frente ao contexto social reportado.

4. A VOZ DO OUTRO NA REPORTAGEM: “OS VAMPIROS DA REALIDADE SÓ MATAM POBRES”

O início da reportagem de modo brusco, introduz diretamente a voz de uma das personagens: “- Por favor, não me deixe morrer.” (BRUM, 2012, p. 25) A jornalista expõe de modo

dramático em discurso direto, sem nenhuma intermediação, a angústia da menina Sonia, de 11 anos, afetada pelo mal de chagas. Desse modo, coloca o leitor em sintonia com o conflito que vai ser relatado. No comentário que segue, a repórter expressa sua posição avaliativa:

Naquele instante em que ela me pede para mudar o mundo, eu afundo na impotência. 'Eu vou contar a sua história', respondo. Mas eu e ela conhecemos o mundo o suficiente para saber que dificilmente ela será salva. Sonia e eu sabemos que o mundo não se importa, nem com ela, nem com os seus. Que o mundo nem sequer a vê." (2012, p. 25)

Neste recorte em que o discurso indireto prepara o direto é possível perceber a sintonia da repórter ao afinar sua voz com a da personagem retratada. Observa-se no estilo narrativo a proposta da repórter em dar visibilidade à criança doente ameaçada pela morte. Essa ênfase em apresentar de modo afetivo uma relação de conflito decorre do pouco interesse que a sociedade demonstra para solucionar esse grave problema de saúde pública, que por acaso é reportado na Bolívia, mas que também afeta muitas comunidades rurais, inclusive no Brasil. Assim, explica o desinteresse social para solucionar o problema de saúde provocado pelo mal de chagas, fornecendo informação e comentário ao mesmo tempo:

As corporações farmacêuticas não têm interesse em investir na pesquisa de vacina e tratamento para uma patologia que mata somente os mais pobres, aqueles despossuídos de recursos até mesmo para construir uma casa sem buracos. E, no caso da Bolívia, os camponeses de origem indígena, discriminados pela elite do seu próprio país. (2012, p.27)

O tom avaliativo autoral da repórter torna-se mais significativo ao reproduzir diversas vozes que se manifestam em seu relato, tomando como eixo motivacional a voz de Sonia. Assim explicita sua proposta:

Quero contar como é a voz de Sonia nesse instante em que ambas mergulhamos na fenda das palavras. Sonia me ensina que é possível implorar sem suplicar. E seu sussurro é um grito que me atravessa os tímpanos. [...] Desde então, seus olhos de criança velha me perseguem. Dormindo ou acordada. Sonia está lá. Implorando que não a deixe morrer. (2012, p. 25)

Observamos nesse breve trecho o emprego do discurso indireto analisador da expressão, criando o ambiente cênico necessário para atingir o objetivo de sua reportagem.

Com essa proposta já delineada de modo bastante enfático para tocar o leitor, a repórter dá sequência a sua reportagem pontuando o conflito que vivencia e que transfere para o leitor. Na descrição que se segue, a linguagem vai da objetividade dos fatos ao âmago do problema, misturando às informações o relato de seus habitantes, de maneira a mesclar dados com percepção e interpretação.

O nome do barbeiro nessa comunidade é vinchuca e, ao substituí-lo pelo termo popular em discurso indireto analisador da expressão, Brum insere também a voz típica da população, dando-lhe concretude, como pontua Volóchinov (2017). Mais adiante Eliana explica, demonstrando sua pesquisa informativa de repórter, alternando dados reais com peculiaridades culturais, na voz de seus representantes:

São muitos os seus nomes. Barbeiro, chupão, bicho de parede, cascudo ou fincão. Mas vinchuca é seu nome em quéchua, a língua falada desde antes dos incas. Idioma que persiste até hoje como ato de resistência de um povo, mantido vivo por 13 milhões de falantes na Bolívia, no Peru e no Equador. (BRUM, 2012, p. 26)

Misturando informação com comentário avaliativo, a repórter expressa seu posicionamento por meio de expressões como: “Idioma que persiste... como ato de resistência ...” É com esse tom que a repórter procura transmitir tanto a força quanto o sofrimento enfrentado pela população atingida pela doença.

Também no interior do relato há o discurso direto preparado, como no exemplo que segue:

Desde cedo, as crianças aprendem a reconhecer o arranhar de suas asas e patas nas paredes de barro antes de atacar. “Soa como as folhas secas do milho ao vento”, comparam Cristina Salazar López e Marta Rodríguez Barrios. “Escutamos e então sabemos que elas estão lá. No escuro. Sobre nossas cabeças. Esperando para cair sobre nossos corpos”. (BRUM, 2012, p.26)

O discurso direto preparado pelo indireto é apresentado entre aspas, reforçando ou comprovando o que já havia sido relatado, servindo como prova, o que lhe dá maior veracidade na voz das integrantes desse ambiente. A seguir, o discurso direto aparece disperso, sinalizado pelas aspas.

No discurso indireto pictórico, Brum procura alternar o discurso indireto analisador da expressão e o analisador do conteúdo. No primeiro caso, emprega os termos próprios da cultura quéchuá: *vinchuca*, *pollera*, *cholas*. No segundo caso, retrata o contexto vivido pelas fontes entrevistadas:

Don Fanor só foi feliz no ano em que o pai o colocou no internato, e ele descobriu que era criança. Que podia brincar e jogar futebol e aprender a ler e a escrever, e a andar na cidade. A cidade, sempre tão arredia a cidade. Mas o pai era mais pobre do que ele seria e teve de tirá-lo cedo demais. E agora a felicidade mora apenas num fiapo de lembrança, e don Fanor pode até duvidar de que era aquele menino que sonhava com uma vida. (BRUM, 2012, p.35)

Nesse recorte, observa-se o discurso indireto analisador do conteúdo alternado com o analisador da expressão. O modo de relatar a experiência revela a forma de se expressar da personagem, mesclando em sua narrativa o tom de *don Fanor*, marcando seu ponto de vista sua esperança e seu desencanto. Há trechos que podem representar o modo de sentir da personagem sintonizado pela repórter.

Na sequência desse trecho, surge o discurso direto preparado pelo indireto: “Eu sempre fui pobre, sempre. Se nos falta para comer, como teremos dinheiro para o tratamento da doença? Morreremos todos.”

Surge também o discurso indireto livre, como nos trechos a seguir: “Maria sabia que, se o dinheiro não brotava nos morros, onde a terra era fértil, muito menos no concreto da cidade. Como poderia aparecer?” (BRUM, 2012, p. 42). A repórter registra em seu discurso uma pergunta que, dando sequência ao discurso indireto, é apresentada em discurso direto que tanto poderia ser de Maria quanto uma conclusão da autora. Quem faz a pergunta? Maria ou Brum? Ambas. A repórter está solidária com a personagem. Pode estar representando uma pergunta silenciosa de Maria em consequência de suas observações ou mesmo fazer soar sua voz crítica diante do fato narrado.

Num outro trecho, observa-se que o comentário registrado indiretamente pela repórter pode ser o mesmo pensado pelas personagens femininas Cristina e Maria: “Não havia *vinchucas* naquele quarto na cidade. Mas não importava mais. O mal já estava dentro delas, e era tarde

para arrancá-lo do corpo”. (BRUM, 2012, p. 36). O comentário mescla na voz da jornalista o modo de perceber a realidade das duas jovens, retratando seu ponto de vista.

Desse modo, o relato da repórter ganha um colorido interpretativo, deixando entrever as vozes sociais de modo dramático. Assim se expressa a autora, demonstrando a sintonia de seu olhar com o olhar da menina retratada na reportagem:

SONIA ESPIA O PAI, E EU A ESPIO espiando o pai. Vejo o que ela vê. Os olhos de don Fanor têm aquela mesma tristeza funda que habita os olhos dos bois que puxam seu arado. Essa tristeza, quando a encontramos é a que mais aniquila. Porque é uma tristeza sem revolta. [...] E como seus bois aceita a brutalidade do mundo sem desistir dele. (BRUM, 2012, p.34)

Além disso, na narrativa da repórter há a interpretação dos modos de sentir e de pensar de cada uma das personagens, indicados por verbos como pensou, sonhou, intuiu. Também interpreta os gestos das personagens descritos de modo expressivo:

Hoje dona Josefina é a menina mais frágil da família, ao redor de quem todos se postam para cuidar com uma aflição que se pode apalpar. É *don Fanor* que veste nela a pollera de veludo para levá-la ao escritório da Médicos Sem Fronteira. Aquele homem pequeno de mãos esculpidas pelo arado abotoa a blusa de renda como se sua mulher pudesse quebrar sob seus dedos. E a olha com uma tristeza que afunda o mundo. (2012, p.31)

Os termos empregados para descrever as ações executadas pelo marido ressaltam a interpretação da repórter, enfatizando uma atitude inesperada num homem dedicado aos trabalhos da lavoura, ressalta também um aspecto de sentimento solidário e afetivo. No trecho a seguir, observa-se a tentativa de apreender o modo de pensar e de sentir tanto de Cristina quanto de Maria, registrado em discurso indireto analisador do conteúdo:

Cristina fez um silêncio de lonjuras antes de responder. E Maria pensou que podia fatiar aquele silêncio com sua faca de camponesa. [...] Maria temeu a raiva de Cristina. Mas lembrou que ela também tinha raiva. [...] Pela vinhuca Maria sentia um rancor que permaneceria além da vida. (BRUM, 2012, p.43)

Podemos destacar as expressões de natureza figurativa que sinalizam o tom avaliativo da repórter. Opõe-se assim ao relato simplesmente informativo provocado pelo distanciamento do olhar de repórter. A forma de inserção das diversas vozes no relato, empregando várias

possibilidades, como o discurso direto, indireto e indireto livre em suas variações, como a análise demonstrou, revela uma forma de emolduração de tais vozes, no discurso narrativo, deixando entrever não só uma realidade mais dramática como também revela a responsabilidade autoral de Brum. A repórter não se isenta de comentar a situação enfrentada por essa população, às vezes de modo explícito, outros de modo indireto num tom valorativo de empatia e compaixão pelo drama insolúvel vivido por essa comunidade contaminada pela doença de chagas.

PALAVRAS FINAIS

A concepção dialógica de linguagem, na perspectiva do Círculo, amplia as possibilidades de compreensão dos recursos mobilizados nos diversos gêneros discursivos em sua dinâmica viva. O recurso discursivo na incorporação das diversas vozes de modo direto, indireto e indireto livre são reavaliados, observando as relações dialógicas entre autor, personagem e contexto social como propõem os membros do Círculo.

Apesar de esses autores tratarem de trechos literários na exemplificação teórica, os conceitos, se bem compreendidos, podem servir a todos os gêneros discursivos mais permeáveis à inflexão autoral, como o dessa reportagem de Brum.

Nessa perspectiva, é possível discutir a utilização de discurso direto, indireto e indireto livre de modo mais eficaz que a simples mudança de pessoa gramatical, de inclusão de conjunção ou o emprego de dois pontos e travessão. Ao demonstrar os efeitos que podem resultar em função de uma proposta efetiva do enunciador em relação ao leitor presumido, tal discussão pode ser evidenciada de modo concreto e produtivo.

Nesse sentido, torna-se um recurso expressivo, em oposição ao seu emprego aleatório. Também torna possível a percepção de propostas enunciativas dos autores e de seu posicionamento avaliativo em relação ao contexto social em que se encontram inseridos, permitindo a interação dialógica autor/leitor e contexto sócio-histórico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN. **Os gêneros do discurso**, (Trad. do russo, organização, notas e posfácio de Paulo Bezerra, notas da ed. russa Serguei Botcharov). São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica, in **Os gêneros do discurso**, (Trad. do russo, organização, notas e posfácio de Paulo Bezerra, notas da ed. russa Serguei Botcharov). São Paulo: Editora 34, 2016, p.71-107).

_____. **Problemas da poética em Dostoiévski**. (Trad. Paulo Bezerra), 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Teoria do romance I: A estilística**. (Trad. Paulo Bezerra; Org. da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov), São Paulo: Editora 34, 2015.

BARCELLOS, C. Prefácio. In BRUM, E. **O olho da rua**. Uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Editora Globo, 2009, p.9-12.

BRUM, E. Os vampiros da realidade matam os pobres. In **Dignidade!**: Nove escritores vivenciam situações-limite e relatam o comovente trabalho da organização Médicos Sem Fronteiras – São Paulo: Leya, 2012, p.25-52.

KOTSCHO, R. Humanos anônimos (Posfácio). In BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2006, p.177-184.

PUZZO, M. Journalistic narrative: a story of real life, in **Theoretical and methodologic approaches** (Orgs. Rosa Cabecinha e Lília Abadia) Minho: Universidade do Minho, 2013, p.134-144

_____. Linguagem, estilo e reportagem jornalística no ensino, in **Mídia, discurso e ensino** (Orgs. Maria Inês Batista Campos e Geraldo Tadeu de Sousa) FFLCH: USP, 2018, p.93-112.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Tradução, notas e glossário, Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo); (Ensaio introdutório, Sheila Grillo) São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. Que é linguagem? In **A construção da enunciação e outros ensaios**. (Trad. João Wanderley Geraldi) São Carlos: Pedro & João, 2013, p.131-156.

_____. Palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In **A construção da enunciação e outros ensaios**. (Trad. João Wanderley Geraldi) São Carlos: Pedro & João, 2013, p.71-100.



Miriam Bauab PUZZO

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto (1967), graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Paraíba (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2004), pós-doutorado em Linguística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Atualmente é professor aposentado da graduação na Universidade de Taubaté, Professor permanente vinculado ao programa de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, literatura brasileira, jornalismo e publicidade.